

# OS ANIMAIS NÃO SÃO COISAS, MAS POSSUEM ALMAS?

Aldemario Araujo Castro  
Advogado  
Mestre em Direito  
Procurador da Fazenda Nacional  
Brasília, 22 de setembro de 2024

Virgínia Victória, uma renomada bióloga e ativista da causa animal, foi convidada para proferir uma palestra, na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), sobre a evolução da compreensão em relação aos animais ao longo da história da humanidade. A especialista destacou, logo no início da exposição, que a visão acerca dos animais passou por uma profunda transformação ao longo dos séculos.

Inicialmente, os animais foram vistos como meros objetos ou coisas. Seriam recursos a serem explorados para o benefício humano, econômico ou não. Desde os primórdios da história humana, os animais foram caçados, domesticados e utilizados como alimento, transporte ou ferramentas de trabalho. O entendimento dominante indicava que os animais existiam simplesmente para servir ao homem. Não se identificava nenhuma preocupação ética mais cuidadosa ou profunda.

Em boa parte da história da humanidade prosperaram concepções que classificavam os animais como seres inferiores movidos unicamente pelo instinto. Não se reconhecia como presente nos animais qualquer coisa parecida com emoções. Não foram poucos os que sustentaram que os animais não possuíam alma. Esse conjunto de ideais criou um ambiente propício até mesmo para práticas violentas e cruéis.

Lentamente, a visão de que os animais eram máquinas biológicas sem consciência ou sensibilidade foi sendo superada. Reflexões mais profundas sobre a natureza dos animais começam a surgir. Um argumento, em especial, merece ser destacado. A capacidade de sofrer, e não



a razão, deveria ser o critério para entender e tratar os animais. Essa ideia, atribuída a Jeremy Bentham, possui uma importância fundamental justamente porque introduz o componente moral no debate do tema.

A Declaração Universal dos Direitos dos Animais, proclamada pela UNESCO em 1978, reconheceu explicitamente que os animais são seres sencientes, capazes de sentir dor e manifestar sinais de um certo universo emocional. Assim, os animais passaram a ser considerados como sujeitos de direito a um tratamento digno. Não estão no mesmo patamar dos seres humanos, mas não são coisas ou objetos de livre disposição.

Atualmente, o conceito de senciência animal é amplamente aceito nos meios científicos, jurídicos, políticos e filosóficos. A antiga visão utilitarista foi continuamente afastada. Cresce a exigência de se respeitar o bem-estar dos animais, reconhecer o valor intrínseco e a capacidade de experimentar o mundo com sensibilidade e algum nível de consciência.

Essas foram, em linhas gerais, as considerações feitas pela bióloga Virgínia Victória. O numeroso público da palestra acompanhou com atenção a interessante e instrutiva exposição. Entre os presentes encontrava-se o velho e querido professor Mauro Sérgio Valadão, do Departamento de Física.

A primeira pergunta dirigida a Virgínia Victória foi justamente a formulada pelo professor Mauro Sérgio. Indagou ele: "Efetivamente, os animais não são coisas, mas possuem almas?". O questionamento espantou os presentes no auditório.

Virgínia Victória agradeceu a participação de Valadão e registrou a oportunidade de falar sobre o tema a partir de suas convicções espirituais. Primeiro, disse que a sede de qualquer forma de inteligência ou consciência, mais ou menos sofisticada, está no espírito (ou alma). O cérebro funciona como um instrumento de veiculação do que vem de algo bem mais profundo. Nesse sentido, Virgínia Victória lembrou um trecho da questão 257 da obra "O Livro dos Espíritos", de Allan Kardec, com o seguinte teor: "É



princípio da vida orgânica, mas não o da vida intelectual, pois esta reside no Espírito”.

Na sequência, Virgínia Victória mostrou como o livro referido, editado em 1857, na França, já retratava uma sublime e específica dignidade para o mundo animal. As seguintes passagens foram destacadas:

593. Podemos dizer que os animais agem apenas por instinto? “Há nisso um sistema. É bem verdade que o instinto domina na maior parte dos animais, mas não vê que alguns agem com uma vontade determinada? Têm inteligência, mas ela é limitada.”

595. Os animais têm o livre-arbítrio em seus atos? “Eles não são simples máquinas como se acredita, mas a sua liberdade de ação é limitada às suas necessidades e não se pode compará-las à do homem. Sendo muito inferiores a ele, não têm os mesmos deveres. Sua liberdade está circunscrita aos atos da vida material.”

597. Visto que os animais têm uma inteligência que lhes dá certa liberdade de ação, há neles um princípio independente da matéria? “Sim, e que sobrevive ao corpo.”

597a. Esse princípio é uma alma semelhante à do homem? “É também uma alma, se quiserem. Isso depende do sentido que se empreste a essa palavra, mas é inferior à do homem. Há entre a alma dos animais e a do homem tanta distância quanto entre a alma do homem e Deus.”

598. A alma dos animais conserva, após a morte, sua individualidade e a consciência de si mesma? “Sua individualidade, sim; mas não a consciência de si mesma. A vida inteligente permanece em estado latente.”

599. A alma dos animais pode escolher a espécie de sua preferência para encarnar-se? “Não; ela não tem o livre-arbítrio.”

601. Os animais seguem a lei de progresso como os homens? “Sim, e é por isso que nos mundos superiores, onde os homens são mais evoluídos, os animais também o são, pois dispõem de meios de comunicação mais desenvolvidos; mas são sempre inferiores e estão submetidos ao homem, sendo para estes servidores inteligentes.”

604a. A inteligência é, desta forma, uma propriedade comum, um ponto de contato, entre a alma dos animais e a do homem? “Sim, mas os animais têm apenas a inteligência da vida material. No homem, a inteligência produz a vida moral.”